

# CETICISMO



FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

DUNCAN PRITCHARD

CETICISMO  
UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO

Tradução  
Rodrigo Pinto de Brito  
Alexandre Skvirsky



editora  
unesp

© 2019 Duncan Pritchard

© 2024 Editora Unesp

*Scepticism: A Very Short Introduction* is originally published in English in 2019. This translation is published by arrangement with Oxford University Press.

Editora Unesp is solely responsible for this translation from the original work and Oxford University Press shall have not liability for any errors, omissions or inaccuracies or ambiguities in such translation or for any losses caused by reliance thereon.

*Scepticism: A Very Short Introduction* foi originalmente publicada em inglês em 2019. Esta tradução é publicada por acordo com a Oxford University Press. A Editora Unesp é o único responsável por esta tradução da obra original e a Oxford University Press não terá nenhuma responsabilidade por quaisquer erros, omissões, imprecisões ou ambiguidades em tal tradução ou por quaisquer perdas causadas pela confiança nisso.

Direitos de publicação reservados à:  
Fundação Editora da Unesp (FEU)  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livrariaunesp.com.br  
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

P961c

Pritchard, Duncan

Ceticismo: uma brevíssima introdução / Duncan Pritchard; traduzido por Alexandre Skvirsky, Rodrigo Pinto de Brito. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *Scepticism: A Very Short Introduction*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-222-9

1. Filosofia. 2. Ceticismo. 3. História da filosofia. 4. Tradições filosóficas. 5. Escolas de pensamento. 6. Introdução. I. Skvirsky, Alexandre. II. Brito, Rodrigo Pinto de. III. Título.

2024-778

CDD 100  
CDU 1

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

*Para meus pais,  
Daisy e Les Pritchard*



## AGRADECIMENTOS



O ceticismo é o tema que me fisgou para a filosofia, e é o tópico para o qual me vejo sempre retornando. Inevitavelmente, então, quando fui procurado pela Andrea Keegan, da Oxford University Press, para escrever o livro sobre ceticismo que faria parte da série *Very short introduction* [Uma brevíssima introdução], agarrei a oportunidade. Sou grato a Jenny Nugee por sua ajuda com o preparo do manuscrito, Deborah Protheroe por sua assistência na seleção de imagens, Joy Mellor por seu excepcional trabalho de preparação de texto, e a dois revisores anônimos da Oxford University Press que ofereceram extensos comentários a uma versão anterior do texto.

Um dos desafios de qualquer tentativa de escrever sobre um tema filosófico contemporâneo para o público geral é encontrar um caminho que atravesse a terminologia utilizada pela filosofia acadêmica e chegue às questões fundamentais. A sorte claramente beneficiou o projeto, já que à mesma época que a Oxford University Press me procurou, foi-me dada a oportunidade de produzir um Massive Open Online Course

(MOOC – Curso On-line, Aberto e Massivo) para a Universidade da Califórnia, em Irvine (UCI). Trabalhar nesses projetos em conjunto, ambos direcionados a públicos amplos, levou-me a pensar sobre como ideias céticas costumam ser usadas – eu diria *mal*-usadas, como explico no livro – para incentivar certas posições relativistas problemáticas no debate público. De forma mais específica, fez-me ver de que modo uma introdução ao ceticismo poderia relacionar temas céticos a questões contemporâneas, e, dessa maneira, tornar essas questões relevantes para quem não é especialista. Você pode encontrar esse curso on-line e se matricular (sem custo) na plataforma Coursera. Para mais detalhes, acesse: <https://www.coursera.org/learn/skepticism> (ver também o curso “Relativismo”, parte desse projeto, ministrado pela colega Annalisa Coliva).

Tive imenso apoio da UCI para a elaboração deste livro por meio do MOOC, cuja produção avançava paralelamente à escrita. O apoio incluiu Douglas Haynes, vice-diretor da Equidade, Diversidade e Inclusão Acadêmicas, Gary Matkin, decano de Educação Continuada, e Megan Wanlin Linos, diretora de Design de Experiência de Aprendizado e Educação On-line do departamento de Excelência de Ensino e Inovação. Todos apoiaram o projeto desde o começo, bem como todos que estiveram envolvidos na produção do curso, em especial LaDawna Minnis e Kristoffer Velasquez. Agradeço também aos distintos acadêmicos da UCI que participaram da filmagem do curso, como parte de dois painéis de debates dedicados a questões que surgiram dos capítulos 1 e 4: Howard Gilman,

## AGRADECIMENTOS

chanceler da UCI e ilustre defensor da liberdade de expressão no *campus*; Julia Lupton, decana-associada de Pesquisa da Escola de Humanidades e sumidade em Shakespeare; Michael Dennin, vice-diretor de Ensino e Aprendizagem, físico e defensor da popularização da ciência; e o renomado biorrobótico David Reinkensmeyer.

Por fim, agradeço a minha esposa Mandi e nossos meninos queridos, Alexander e Ethan. Mandi lançou seu penetrante olhar crítico sobre o manuscrito e fez muitas sugestões valiosas. Este é também o primeiro dos meus livros que foi lido pelo Alexander, que leu uma versão inicial – espero que este livro não seja seu último!

D.H.P.  
Irvine, EUA  
Abril, 2019



## SUMÁRIO



- 13 . Capítulo 1 – O que é ceticismo?
- 41 . Capítulo 2 – O conhecimento é impossível?
- 73 . Capítulo 3 – Defendendo o conhecimento
- 107 . Capítulo 4 – Ceticismo como modo de vida
  
- 141 . Leituras adicionais e referências
- 159 . Índice remissivo



# CAPÍTULO 1

## O QUE É CETICISMO?



### Introduzindo o ceticismo

Em poucas palavras, ceticismo é *duvidar*, de modo que ser cético sobre algo é ter dúvidas sobre isso. Ceticismo pode ser aplicado a muitas coisas: alguém pode ser cético em relação a uma pessoa (por exemplo, sobre os famosos vendedores de carros usados), um assunto (por exemplo, previsões de horóscopo) e mesmo objetos (por exemplo, alguém pode ser cético sobre se um ar-condicionado capenga vai sobreviver ao verão). O que essas diferentes formas de ceticismo têm em comum é que nelas se está preocupado com se é possível confiar naquilo que está em questão, seja o conselho do vendedor de carros usados, as previsões do horóscopo ou a efetividade do ar-condicionado. Em suma, o ceticismo mina a *crença* (crença de o vendedor de carros dizer a verdade, crença de que o aparelho de ar-condicionado vai sobreviver ao verão, e assim por diante). É nisso que nos concentraremos neste livro.

Certo grau de ceticismo é frequentemente positivo. Fato é que conversamos sobre ter um “ceticismo saudável”, em que

isso significa não simplesmente aceitar qualquer coisa que se diz. O ceticismo, nesse sentido, é o antídoto contra a *credulidade*, e claramente ninguém quer ser crédulo o tempo todo. Afinal, algumas coisas requerem ceticismo. Tome o exemplo que acabei de dar dos horóscopos. Essas previsões são notoriamente problemáticas na medida em que ou são muito específicas – neste caso frequentemente estão erradas –, ou mais comumente são tão gerais que se encaixariam em qualquer eventualidade – neste caso não se pode ter certeza de a qual evento estaria se referindo. Além disso, também sabemos que não há base científica para a astrologia – há muito tempo os cientistas abandonaram a astrologia a favor da astronomia, que, diferentemente da astrologia, é uma disciplina científica aceita. Então, há fundamentos fortes para ser cético sobre a confiabilidade dos horóscopos.

Um ceticismo saudável pode também nos impedir de sermos persuadidos por aqueles que querem nos enganar. Por exemplo, uma vez que sabemos que vendedores de carros usados têm motivo para quererem que compremos um veículo pelo preço mais alto possível, sabemos que devemos considerar o que dizem com uma pitada de desconfiança, e não simplesmente aceitar tudo. Em geral, se alguém que não conhecemos bem nos diz algo que parece, a princípio, ser inacreditável – por exemplo, que a rainha da Inglaterra acaba de ser presa por furtar uma loja –, então o nosso instinto cético deve nos alertar para não aceitarmos esse testemunho apenas com base na confiança. Isso não significa que nunca devemos aceitar



Figura 1. Mudança climática. Há um claro consenso científico a respeito da influência dos seres humanos na mudança climática, incluindo sua relevância para alguns eventos climáticos contemporâneos (como os incêndios de 2017 na Califórnia desta imagem). Contudo, isso não impediu que algumas notórias figuras políticas negassem o consenso científico.

testemunhos incríveis, mas somente que devemos sempre exigir fundamentos extras nesses casos (por exemplo, podemos querer ver as notícias para verificar esse espantoso relato).

No entanto, esse ceticismo específico pode facilmente deslizar para algo mais extremo e generalizado. É esse ceticismo – conhecido como *ceticismo radical* – que será de particular interesse para nós. O que devemos fazer a respeito da tendência contemporânea de ser cético sobre a ciência em alguns aspectos da vida pública, como sobre o consenso científico acerca das mudanças climáticas causadas pelo ser humano (Figura 1)? Note que esse ceticismo é muito diferente do ceticismo sobre horóscopos. Neste caso, o ceticismo é fundamentado em uma

crença na confiabilidade da ciência. Isso parece legítimo porque consideramos a ciência como um modo paradigmático de se chegar à verdade sobre o mundo ao nosso redor. Mas quando se é cético sobre a própria ciência, então é claro que esse tipo de ceticismo não pode ser fundamentado na ciência. Se rejeitamos a autoridade da ciência de nos dizer coisas sobre o mundo ao nosso redor, então qual será a nossa base para a crença em relação ao mundo? A preocupação é que um ceticismo saudável esteja aqui se metamorfoseando em um ceticismo generalizado, que é uma fera inteiramente diferente.

Vamos colocar a coisa de outro modo. Pode haver todos os tipos de boas razões que justifiquem ser correto ser cético sobre afirmações particulares, tais como as sobre o que horóscopos e vendedores de carros usados nos dizem. Essa dúvida cética *localizada* é, contudo, baseada no que sabemos, como o nosso conhecimento da natureza não científica dos horóscopos e das motivações dos vendedores de carros usados. Uma vez que mudamos de uma dúvida cética localizada para uma que é muito mais geral – como quando, *em massa*, nos tornamos céticos em relação a afirmações científicas –, então é difícil entender como nosso ceticismo é fundamentado no que sabemos. Afinal, o que quer que citemos como razões para essa dúvida, não estariam elas também em dúvida? A preocupação é que em vez de estar fundamentada em algo em que possamos confiar, como uma dúvida cética localizada deve estar, uma dúvida cética generalizada, ou vendida no atacado, torna-se totalmente desgovernada.

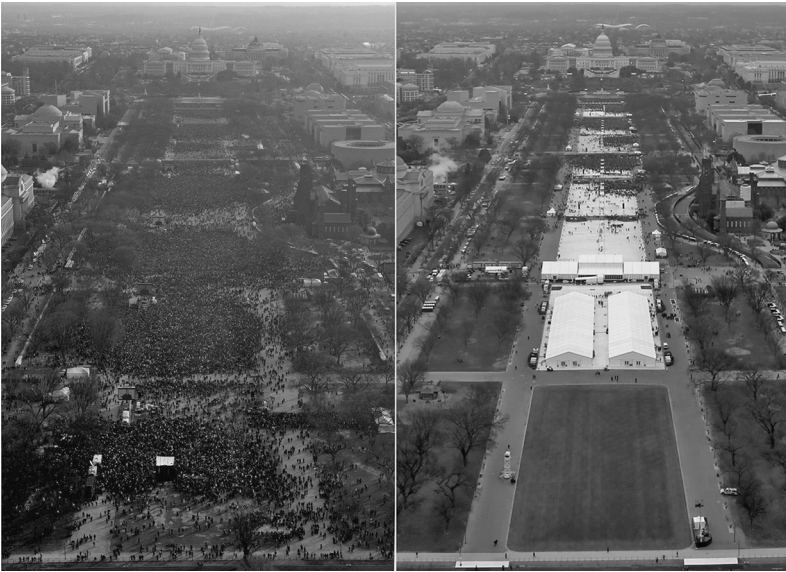


Figura 2. Pós-verdade / política dos fatos. Um debate teve início após a posse presidencial de Donald Trump em 2017. Questionava-se se as fotos oficiais do governo haviam sido editadas para fazer parecer que a multidão fosse maior do que realmente era, de modo que não ficasse “atrás” de posses presidenciais anteriores (ou seria esse apenas um caso de “fatos alternativos”, como um dos assessores de Trump descreveu o caso na época?). Esta foto compara a multidão de 2017 (à direita) com a que compareceu na posse de Barack Obama em 2013 (à esquerda).

Quando esse ceticismo mais radical se enraíza na vida pública, então há todo tipo de ramificações práticas, muitas delas nada atraentes. Uma consequência é a falta de preocupação com a precisão e com a verdade. Pense, por exemplo, em fenômenos contemporâneos como “falso fato” e “pós-verdade política” (Figura 2), por meio dos quais as pessoas na vida pública afirmam falsidades, aparentemente, sem punição. Um ceticismo radical efetivamente permite esse fenômeno, uma vez que, se tudo está aberto à dúvida, então não há nada que seja aceito

como verdadeiro, e é assim que o que é verdadeiro começa a sair da equação.

Uma vez que a preocupação com verdade e precisão é perdida, então uma dúvida cética radical dá lugar a um *relativismo* predominante sobre a verdade. Esse é o ponto de vista segundo o qual a verdade é simplesmente o que quer que alguém diga que ela é. Por exemplo, um grupo endossa o consenso científico de que a mudança climática é causada por humanos, enquanto outro argumenta que esses cientistas são todos parte de uma conspiração global para enganar o público. De acordo com o relativismo, *ambos* os grupos podem estar certos, uma vez que a verdade é relativa à opinião subjetiva.

A princípio, pode parecer libertador se livrar da preocupação com a verdade e a precisão, e permitir que grupos opostos possam ambos estar corretos, mas isto é uma ilusão. Note que dizer que ambos os grupos em uma disputa estão corretos é tão vazio quanto dizer que ambos estão errados. Uma vez que se abandona a ideia de precisão, não importa mais o que é verdadeiro e o que não é. Mas fazer as coisas corretamente *deveria* importar.

Para comprovar, basta considerar algo que você julga extremamente importante. Por exemplo, imagine que é acusado de um crime sério que não cometeu. Não importa para você que a verdade seja trazida à luz e que, consequentemente, seja absolvido? E não seria pavoroso se, mesmo depois de ter sido absolvido, seus acusadores continuassem a manter, em espírito relativista, que, mesmo com a evidência que levou à

sua inocência no julgamento, era tão “verdadeiro” que você havia cometido o crime? Você certamente consideraria isso uma injustiça, e estaria certo. Isso demonstra que a verdade importa, e significa a verdade no sentido do que realmente aconteceu. É claro que não pode haver múltiplos relatos inconsistentes sobre o que aconteceu. Ou você cometeu o crime, ou não. Se não cometeu, então qualquer um que diga o contrário está dizendo algo falso, e não dizer algo verdadeiro é dizer algo relativo à sua opinião subjetiva.

Então, como podemos diferenciar, baseados em princípios, um ceticismo saudável que mira somente afirmações específicas de um ceticismo generalizado que tem as consequências perniciosas mostradas anteriormente? Essa é uma das questões-chave que iremos explorar. Com essa finalidade, primeiramente examinaremos um famoso argumento filosófico que propõe demonstrar que é impossível conhecer qualquer coisa. Se esse argumento for bem-sucedido, então ele fornece uma base para o ceticismo generalizado que acabamos de ver. Mas, como iremos notar, há várias respostas ao ceticismo generalizado. Também iremos considerar um influente relato filosófico sobre o florescimento humano que põe as virtudes no centro do palco, incluindo as virtudes intelectuais, e como uma forma de ceticismo localizado pode ser fundamentada nessas virtudes. Muito grosseiramente, as virtudes são traços de caráter que contribuem para o florescimento humano, no qual as virtudes intelectuais são um subconjunto dos traços que estão especialmente preocupados com fins intelectuais, como

precisão e verdade. Olharemos como uma atitude cética pode ser integrada a um relato sobre as virtudes intelectuais, para encontrarmos um modo de determinar quando o ceticismo é saudável e quando não é.

## Verdade, relativismo e falibilidade

Na seção anterior, conhecemos o relativismo acerca da verdade. Essa é a ideia de que o que é verdadeiro é relativo de acordo com a opinião subjetiva de alguém, de modo que, se essa opinião estiver em conflito com a opinião de outra pessoa, então – sem problemas! – vocês podem *ambos* estar certos. Notamos que o relativismo sobre a verdade não é tão bom quanto se diz, ao menos não na medida em que se todos estiverem certos então todos estão igualmente errados. A questão é que se for perdida a ideia de que a verdade reconhece se um ponto de vista é preciso ou não, então não importa mais se esse ponto de vista é verdadeiro ou falso. Contudo, claramente nos importamos em acertar, em especial quando envolve algo de pessoal, como se uma pessoa é erroneamente considerada culpada de um crime. Ou, tomando outro exemplo, se um médico está prestes a te operar, eu acho que você deveria se importar bastante se a cirurgia foi decidida a partir de informações baseadas em práticas médicas aceitas, em vez de somente na opinião subjetiva do médico.

Mas se o relativismo da verdade é uma ideia tão ruim, então por que algumas pessoas são atraídas por ele? Acho que há